

A QUESTÃO AMBIENTAL

Vantagens da cana

Associada a mazelas históricas do Brasil, a cultura da cana desponta como estrela do desenvolvimento sustentável

LAURA TETTI

Qual é afinal a questão ambiental da cana? Se incluíssemos essa pergunta hoje em uma pesquisa, grande parcela de nossos cidadãos leitores de jornais e de publicações como *AGROANALYSIS* provavelmente iria titubear antes de responder.

Poucos, entretanto, teriam grandes dúvidas sobre os aspectos ambientais do álcool combustível. De uma maneira ou de outra, por um ou outro motivo, já temos incorporado que o uso do álcool apresenta vantagens ao meio ambiente. O álcool substitui componentes carburantes tóxicos quando misturado à gasolina; os veículos movidos a álcool produzem menor impacto poluidor na atmosfera; o álcool é renovável e ajuda a combater o efeito estufa.

O álcool e suas vantagens ambientais são produtos da cana de açúcar; até aí, tudo bem. Mas, e a questão ambiental da cana? Ou, indo mais fundo na realidade, em nossos mitos e preconceitos: em que consiste a questão da cana em relação ao meio ambiente?

ANTIGOS HÁBITOS

A defesa da natureza e da qualidade ambiental é uma dessas unanimidades genéricas e superficiais que pouco ou nada ajudam na caminhada em direção a uma qualidade de vida melhor e de um padrão mais racional de consumo dos recursos naturais.

Como ponto de partida, seria muito útil examinar com sinceridade nossas tradições e o fato de termos, ao longo da nossa história, recebido um treinamento cultural que chama de "mato" a vegetação natural; que considera o terreno do vizinho a lixeira mais conveniente; a água um recurso infinito e os rios como depositários de esgoto; que trata o espaço público urbano como terra de ninguém.

É claro que esse tipo de visão de mundo não é uma especialidade brasileira e nem fomos nós que inventamos o perdulário padrão de vida da sociedade ocidental. Mas a vastidão territorial das terras da América, a sensação da infinitude de seus recursos naturais e nosso crônico atraso econômico e social exacerbaram bem o processo.

Criamos como paradigma de modernidade e como símbolo do nosso desenvolvimento atividades que se basearam (ou baseiam) na devastação ou que provocam grandes impactos ambientais.

Defendemos o chamado "desenvolvimento sustentável"; mas parece que somos completamente incapazes de traçar políticas de valorização das atividades que podem nos conduzir a ele. Na verdade fazemos muito pior: sistematicamente renegamos, desqualificamos e prejudicamos essas atividades. Esse é o caso justamente do nosso agribusiness em geral, e muito mais ainda da agroindústria da biomassa energética.

O CASO DA CANA

A cana-de-açúcar sofre o ônus de ter sido o principal produto do nosso processo efetivo de colonização. Acaba carregando a imagem negativa que associamos às mazelas nacionais resultantes do tipo de origem histórica que tivemos – escravismo, injustiça social, latifúndio, dependência. Com grande freqüência, debates, projetos e programas relativos à cana são contaminados pelo preconceito e pela má vontade, pelo fato de associarmos à cana –

o produto – os vícios que herdamos do colonialismo e que tanto esforço fazemos para superar.

O primarismo e o equívoco desse tipo de raciocínio são evidentes; mas essa má vontade preliminar é um fato e reconhecê-la pode nos ajudar a entender o desprezo sistemático dedicado a uma das atividades que mais atribui diferenciais ambientais positivos ao Brasil.

Estritamente, toda atividade produtiva humana provoca impactos ao meio ambiente. Nem por isso passaria pela nossa cabeça decretar que uma parcela da humanidade deva ficar alijada (como aliás já está...) do processo produtivo e de seus resultados.

Impactos ambientais

Cada vez mais crescem o desafio e a necessidade de fazer escolhas e desenhar políticas que pautem o processo produtivo por alternativas de produção capazes de atender as aspirações materiais humanas com preservação da qualidade ambiental e da qualidade de vida.

Os impactos ambientais resultantes do processo produtivo podem ser estruturais (sem soluções conhecidas ou viáveis, causando danos irreversíveis); mas podem ser também conjunturais, permitindo que os danos sejam revertidos ou neutralizados, reduzindo-se sua solução a uma questão de custos e, portanto, a uma decisão política que privilegie a prática e o emprego das tecnologias ambientalmente desejáveis.

De modo geral os problemas ambientais resultantes do agribusiness brasileiro, que não são poucos, pertencem ao grupo dos impactos conjunturais: manejo adequado, investimentos em controle, uso de técnicas de produção ambientalmente mais sustentáveis – todas já conhecidas e disponíveis – possibilitariam uma convivência harmoniosa entre produção e natureza (o que não ocorre com determinadas atividades industriais e com o uso de recursos energéticos como combustíveis fósseis e energia nuclear).

Destaque positivo

No contexto da sustentabilidade ambiental e social das atividades agrícolas brasileiras e mundiais, a cana-de-açúcar se destaca bem positivamente. Mesmo com uma política que na prática muitas vezes contrapõe os cuidados ambientais e as necessidades de sobrevivência econômica, os resultados da cana são impressionantes:

- apresenta o mais baixo índice de uso de produtos agroquímicos da agricultura brasileira;

- apresenta o mais baixo índice de erosão do solo da agricultura brasileira – fato nada desprezível, se considerarmos que a erosão e a desertificação são problemas dos mais graves: segundo os dados da ONU, o planeta já tem 25% dos seus solos desertificados; e o Brasil perde a cada ano um volume de terra agricultável equivalente ao tamanho do estado de Alagoas.

- A atividade canavieira, inclusive pelo seu baixo índice de erosão e de uso de insumos químicos, é a que menos afeta negativamente os recursos hídricos; contribuição fundamental, se considerarmos que, também de acordo com dados da ONU, mais de 10% das águas de abastecimento do planeta já estão irremediavelmente comprometidas por poluição e erosão.

- A grande contribuição da atividade canavieira para a geração de empregos rurais é um fato conhecido. Na região Centro-Sul do país, o índice de empregos, com carteira de trabalho assinada é de mais de 90%, índice único e sem precedentes na agricultura brasileira. Além dos efeitos sociais diretos, a ocupação intensiva de mão-de-obra rural por parte do setor canavieiro tem também um óbvio efeito positivo na redução dos fluxos migratórios para as cidades e na redução do inchaço populacional urbano e seus resultados ambientais negativos.

Do Brasil para o mundo

Recentemente, as negociações internacionais relativas ao Protocolo de Quioto e as medidas para mitigar os problemas do efeito estufa e das mudanças climáticas deram à atividade canavieira do Brasil um destaque ambiental positivo de grande expressão. Só para se ter uma idéia basta dizer que o uso energético da cana-de-açúcar possibilita ao Brasil retirar da atmosfera, todos os anos, mais de 20% do total de CO_2 emitido pelo total dos combustíveis fósseis emitidos no país.

Além de o Brasil já apresentar o maior e mais bem-sucedido programa mundial de substituição de combustíveis fósseis, reconhecido, elogiado e cada vez mais imitado nos países desenvolvidos, temos também o privilégio – talvez até mesmo a dádiva – de esse programa estar baseado em um produto de biomassa agrícola como a cana-de-açúcar que, em função das especifidades de nosso solo e de nosso clima, possui a rara capacidade de conviver harmoniosamente com os mais estritos requisitos de qualidade ambiental.

Diante de tantos diferenciais positivos, resta no debate relativo à biomassa da cana-de-açúcar uma única questão ambiental: a falta de sensibilidade para valorizar e capitalizar nossas vantagens ambientais comparativas. Em outras palavras: falta de seriedade no trato dos caminhos e das alternativas que podem fazer com que "desenvolvimento sustentável" deixe de ser um jargão técnico para se transformar na realidade que tanto desejamos.

Laura Tetti é socióloga, ex-diretora da Cetesb e consultora de meio ambiente.